

Campos da Paz condena cinismo dos médicos

Brasília — Gilberto Alves

“O médico perdeu a percepção do ser humano e cuida do paciente com a sensibilidade de um lanterneiro diante de um pára-lama amassado”. A afirmação é do médico Aloysio Campos da Paz Júnior, diretor do Hospital Sarah Kubitschek e um dos signatários do relatório sobre os serviços de ortopedia e traumatologia da rede pública, conveniada e contratada pelo Inamps.

Segundo Campos da Paz, a classe médica do país, assim como toda a sociedade, tornou-se cínica diante da miséria nacional. “O médico hoje trata o paciente como uma mercadoria e aceita conviver com uma realidade inadmissível”, lamenta.

Campos da Paz acredita que o relatório é o reflexo das “confusões” aprontadas pela elite do país nos últimos 20 anos. “Vários segmentos do país perderam a consciência ética”, avalia. Ele não tem dúvidas em garantir que o paciente hospitalar é tratado como um objeto em uma instituição que busca o lucro. “Se um hospital não der prejuízo, há alguma coisa errada com ele”, acredita. Para Campos da Paz, “o lucro associado à medicina gera distorções”.

São distorções que começam no próprio critério de produtividade médica. Assim, ganha mais quem atende mais pacientes ou quem faz mais cirurgias. “O poder médico foi levado a consequências incalculáveis”, diz. Na cabeceira de sua mesa, Campos da Paz mantém o livro *O Relatório Flexner*, um retrato dos problemas médicos da sociedade americana em 1910, diagnosticados pelo médico Abraham Flexner. “É o Brasil de hoje”, compara.

O excesso de cirurgias nos hospitais tem também um diagnóstico de Campos da Paz: a tentativa das pessoas de “acelerar o relógio biológico” e o mercantilismo. “O cara ganha mais para fazer a cirurgia. Não há quem segure”, explica Campos da Paz, referindo-se ao fato de a Previdência pagar mais aos médicos



Campos da Paz relacionou os problemas e distorções da medicina

pela cirurgia. Outro fato inegável, segundo ele, é a pressão das indústrias de aparelhos e engrenagens médicas.

Diante de uma revista especializada onde invariavelmente a publicidade é feita por indústrias de instrumentos médicos e implantes, Campos da Paz constata: “Qual a diferença de uma publicidade dessa e a de um carro ou um de um sutiã?”. Para Campos da Paz, o excesso de infecções hospitalares está diretamente relacionado à perda da dignidade da sociedade. “Gente morre empilhada nos corredores dos hospitais e ninguém liga. É cinismo”, constata.

Campos da Paz defende um Plano de Cargos e Salários como maneira de dignificar a profissão. “Como pedir dignidade a quem não recebe dignamente pelo seu trabalho?”, questiona. “Hoje o Brasil se transformou em um

enorme laboratório”, lamenta o médico, que acredita na transformação do país em cova de laboratórios internacionais. “A sociedade tem de definir se quer ser definitivamente colônia maravilhada com tudo que vem de fora, ou vai se reconstruir”.

Ele acredita que a maioria das faculdades de medicina do país não resistiria a uma simples inspeção ou auditoria de rotina por não ter condições mínimas de formar médicos. “Os hospitais brasileiros não estão em crise por falta de médicos, mas por falta de ética. Até quando as pessoas vão tolerar passar por hospitais entulhados de doentes sem se comover com isso? A própria universidade perdeu o sentido de humanismo e está formando técnicos”, lamenta Campos da Paz.